



ORIENTE MÉDIO

Israel pode lutar sozinho, diz premiê

Em vídeo, Benjamin Netanyahu reage à suspensão do carregamento de armas pelos Estados Unidos e afirma que o seu país está "determinado" a derrotar os inimigos. Especialistas minimizam impacto sobre o poderio de fogo contra o Hamas

» RODRIGO CRAVEIRO

A reação de Benjamin Netanyahu às ameaças de seu principal aliado veio por meio de um pronunciamento em vídeo, no qual o primeiro-ministro de Israel mostrou-se desafiador. "Estamos na véspera do Dia da Independência. Na Guerra da Independência, 76 anos atrás, éramos poucos contra muitos. Não tínhamos armamentos, havia um embargo de armas a Israel, mas, com a grandeza da alma, a bravura e a união dentro de nós, venceremos", afirmou. "Hoje, somos muito mais fortes. Nós estamos determinados e unidos para derrotar nossos inimigos e aqueles que buscam nossas almas. Se tivermos que ficar sozinhos, ficaremos sozinhos. Eu já disse que, se for preciso, lutaremos com unhas e dentes."

Na noite de quarta-feira, o presidente dos EUA, Joe Biden, ameaçou interromper novos envios de armamentos a Netanyahu, caso Israel invada a cidade de Rafah, no sul da Faixa de Gaza, onde 1,2 milhão de palestinos estão refugiados.

"Se entrarem em Rafah — ainda não entraram em Rafah —, não forneceremos as armas que têm sido utilizadas (...) contra as cidades", disse o democrata à CNN. "Não vamos fornecer as armas e projéteis de artilharia que têm sido utilizados. (...) Houve civis mortos em Gaza como resultado dessas bombas. Isso está errado."

A primeira reação de Israel à declaração de Biden partiu de Gilad Erdan, embaixador do país na ONU. "É uma declaração difícil e muito decepcionante de um presidente ao qual estamos gratos desde o início da guerra", comentou. A ameaça de Biden foi feita no 215º dia de guerra entre Israel e o movimento extremista Hamas, depois da morte de 34.622 palestinos, entre os quais 15.002 crianças e 9.893 mulheres.

Ahmad Gharabli/AFP



Tanques e outros veículos militares israelenses mantêm posição no sul de Israel, perto da fronteira com a Faixa de Gaza

Em entrevista ao **Correio**, Richard Falk — professor de direito internacional da Universidade de Princeton e relator especial da ONU para a Palestina Ocupada entre 2008 e 2014 — disse que Netanyahu é um jogador de pôquer que blefa, além de ser um estrategista calculista. "Ele espera fazer Biden acreditar que tem mais a perder com um rompimento com Israel. Caso isso não funcione, ele mostrará aos seus parceiros extremistas israelenses que sai em defesa deles, em situações complicadas", observou.

Para Falk, Netanyahu não tinha escolha, pois os sionistas religiosos de seu gabinete ameaçaram retirar o apoio ao governo, se abandonar os planos



de invadir Rafah. "Isso faria ruir a coligação de Netanyahu."

Por sua vez, Gerald Steinberg, cientista político da

Universidade Bar Ilan, em Ramat Gan (Israel), acredita que Netanyahu está "parcialmente correto" em sua posição de confrontar os



Se tivermos que ficar sozinhos, ficaremos sozinhos. Eu já disse que, se for preciso, lutaremos com unhas e dentes"

Benjamin Netanyahu,
primeiro-ministro de Israel

Estados Unidos. "As IDF (Forças de Defesa de Israel) podem continuar a combater o Hamas, em Rafah, e atuar contra a milícia

xiita libanesa Hezbollah. Mas será uma tarefa mais difícil e haverá mais baixas de ambos lados. Se os EUA mantiverem a suspensão de carregamento de armas por mais do que poucas semanas, isso forçará as IDF a conservarem o poder de fogo", afirmou à reportagem.

Professor aposentado de história da Universidade Libanesa Americana, Habib Malik minimiza o impacto da decisão de Washington. Segundo ele, apesar das diferenças entre Biden e Netanyahu, a manobra norte-americana não é tão drástica para Israel, que possui um grande arsenal cedido pelos EUA. "Israel sabe que essa é uma medida que Washington usará para ganhar algum favor dos países árabes, que precisarão pressionar o Hamas por mais concessões. É um jogo intrincado e complexo, com muitos atores. No entanto, quando se trata de laços estratégicos israelo-americanos, esses permanecem tão sólidos como sempre", admitiu ao **Correio**. Ele explicou que as bombas de alto poder retidas pelos EUA também exercem pressão sobre Netanyahu, a fim de não atacar Rafah com força total.

Gaza e Líbano

As IDF mantêm bombardeios contra a Faixa de Gaza. A Agência das Nações Unidas para os Refugiados Palestinos (UNRWA) afirmou que 80 mil pessoas fugiram de Rafah desde 6 de maio, quando Israel ordenou a saída dos palestinos que viviam no leste da cidade. "O preço que essas famílias pagam é insuportável", afirmou a UNRWA em uma mensagem na rede social X. "Nenhum lugar é seguro" na Faixa de Gaza, acrescentou a agência. Ontem, representantes do Hamas e de Israel abandonaram o Cairo, "após uma rodada de negociações de dois dias" para tentarem firmar um cessar-fogo em Gaza.

ESTADOS UNIDOS

Ex-atriz pornô nega ter extorquido Trump

A ex-atriz pornô Stormy Daniels, 45 anos, foi tachada de "mentirosa gananciosa" pelos advogados do ex-presidente republicano Donald Trump, ao prestar depoimento na Corte Criminal de Manhattan. Ela negou que tenha cometido extorsão contra o magnata para silenciar sobre um suposto caso extraconjugal entre ambos, 18 anos atrás. "Eu queria que soubessem a verdade (...) Que estivesse protegida por documentos para que a minha família não fosse prejudicada", disse a Susan Necheles, advogada de Trump.

O ex-presidente de 77 anos, virtual candidato à Casa Branca, é acusado de fraudar 34 registros contábeis de sua empresa, a Trump Organization, para reembolsar o advogado, Michael Cohen, responsável pelos supostos pagamentos a Daniels. Na terça-feira, Daniels prestou um depoimento polêmico. A ex-atriz detalhou o encontro com Trump, em 2006. Ela confidenciou sobre a posição sexual adotada, além do fato de Trump não ter usado preservativo.

Charly Triballeau/AFP



Stormy Daniels deixa a Corte de Manhattan depois de testemunhar

Professor de direito da Universidade Columbia (em Nova York), John C. Coffee Jr. afirmou ao **Correio** que Daniels resistiu bem ao interrogatório. "Como testemunha, falou muito, e o juiz ficou insatisfeito com algumas de suas divagações. A defesa apresentou um pedido de anulação

do julgamento, mas é pouco provável que o magistrado o conceda", disse. O especialista explicou que a tônica do julgamento não é se houve sexo entre Trump e Daniels, nem mesmo se o ex-presidente pagou a ela dinheiro secreto em troca de silêncio depois da eleição. "De forma mais

prosaica, o que está em discussão é se Trump falsificou, ou não, registros comerciais para encobrir esses pagamentos."

Coffee achava previsível que a promotora acusaria a ex-atriz de extorsão. "A ideia pode criar alguma simpatia no júri", observou. O estudioso lembrou que os seguidores de Trump veem o caso como uma retaliação política, por parte de democratas de Nova York. "O assunto recebe grande atenção midiática e, por isso, pode prejudicá-lo, até certo ponto. A testemunha-chave não é Stormy Daniels, mas Michael Cohen, que prestará depoimento na próxima semana."

Para Randy Zelin, professor de direito na Universidade Cornell, o testemunho de Stormy Daniels prejudicou o caso da promotora. "Seu depoimento foi desnecessariamente gráfico e desagradável. Deixou todos desconfortáveis. A mensagem enviada foi: 'Como não podemos provar o caso, humilharemos Trump'. Daniels não conseguiu responder à simples verdade de que fez isso por dinheiro", disse à reportagem. (RC)

Luis Robayo/AFP



Presidente da Argentina enfrenta segunda greve geral

O governo de Javier Milei enfrentou, ontem, a segunda greve geral contra suas políticas de ajuste, o que se refletiu em ruas semidesertas com o comércio funcionando, mas sem clientes, transporte público escasso e escolas fechadas na capital argentina. Os principais terminais ferroviários ficaram vazios, centenas de voos foram cancelados e apenas poucas linhas de ônibus circulavam. Héctor Daer, líder da associação sindical Confederação Geral do Trabalho (CGT), que convocou a paralisação de 24 horas, enalteceu sua "contundência" e disse que "a adesão maciça mostra que o governo tem que tomar nota". Não ocorreram mobilizações em Buenos Aires. No entanto, em províncias como Córdoba, Río Negro e Chubut, grupos de grevistas marcharam com palavras de ordem contra a Lei de reformas econômicas discutida no Senado. A Argentina vive uma forte recessão econômica, com uma inflação próxima dos 290% na comparação anual e um ajuste fiscal que permitiu, no primeiro trimestre do ano, o primeiro superávit fiscal desde 2008, mas com milhares de demissões, deterioração de salários e aposentadorias.